

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Carpinteiro”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 298-300. ISBN: 972-774-133-9.

Carpinteiro.

Grupo: Outros.

Variantes: Ajudante de carpinteiro, Aprendiz de carpinteiro, Carpinteiro de carros, Mestre carpinteiro, Na oficina do carpinteiro, Oficial de carpinteiro.

Artífice que trabalha em construções de madeira, ou que lava e aparelha a madeira para qualquer obra. Primitivamente era um fabricante de carros, o que o aproxima do **Abegão***. O carpinteiro, por definição, realiza obra grossa (*Mestre Carpinteiro de obra grossa*, «de machado e enxó», Silva Picão, Elvas, 1903): carros, portas, janelas, utensílios de lavoura; enquanto o marceneiro fabrica obra fina: mobiliário de interior. Nas alfaias agrícolas, os carpinteiros trabalham em colaboração com os ferreiros, fabricando a parte de madeira, enquanto os segundos moldam o ferro que nelas se aplica. Por este motivo são estas as profissões artesanais mais frequentes em meio rural, a seguir aos sapateiros, que ocupam maioritariamente a primeira posição.

O carpinteiro encontra-se em praticamente todas as fontes consultadas, desde o “Regimento das Procissões de Évora”, do séc. XV (MARQUES, 1981), passando pelos Forais Manuelinos (Évora, Lisboa, Santarém, 1500-1506), as Misericórdias de Peniche e Santarém (Palma, 1987), a Casa de Bragança em Vila Viçosa (*Mercês de D. Teodósio*, 1583), os Livros de Décimas de diversas localidades, os Registos Paroquiais até aos Recenseamentos Eleitorais. No Hospital da Misericórdia de Avis há vários entre 1873 e 1879 com a designação de *Carpinteiro de carros*. Esta classificação também está presente no Recenseamentos Gerais da População, 1940.

Algumas destas fontes possibilitaram a elaboração de estatísticas que nos retratam a composição dos grupos sócio-profissionais e permitem chegar a algumas conclusões sobre os mesmos. Assim, por exemplo em Trás-os-Montes, em 1796 (Mendes, 1981), os carpinteiros representam 14% dos artesãos, depois dos Alfaiates com 23% e dos sapateiros com 18%. Em Avis, no Alto Alentejo, os Livros de Décimas revelaram que o grupo dos carpinteiros teve uma importância crescente entre os finais do século XVIII e os meados do século XIX. Nesta fonte os carpinteiros constituem uma figura

frequente desde 1690 e encontram-se sobretudo na vila em oficinas próprias. Pagam maneiros pelo seu trabalho, mais altos que os trabalhadores rurais, e por vezes são proprietários das suas casas e oficinas. Em 1778 representam 7% dos artesãos, depois dos sapateiros com 33% e dos barbeiros e alfaiates com 10% cada. Em 1836 já ocupam a 2ª posição nesta lista, com 24%, enquanto os sapateiros representam 28% dos artesãos, o que pode indiciar um aumento do fabrico e do uso de carros para a lavoura nesta localidade. Em 1865 (Estradas, Avis) a situação é semelhante: os sapateiros estão em primeiro lugar com 33% e os carpinteiros são os segundos com 23%, seguidos dos ferreiros com 14%, e dos alfaiates com 9%. Nos Livros de Doentes do Hospital da Misericórdia de Avis, entre 1847 e 1956, ocupam a 3ª posição: 1º são os sapateiros com 26%, seguidos do grupo dos ferreiros, aprendizes e malhadores, com 18%. Os carpinteiros e aprendizes têm 15% e são seguidos do pedreiros e alvanéus com 7%. Em 1964, no livro do recenseamento eleitoral, 22% dos artesão são sapateiros, 21% são carpinteiros e 15% são pedreiros.

Os carpinteiros com oficinais nas vilas deslocavam-se frequentemente às sedes das Lavouras para a realização de trabalhos temporários. Por exemplo, na Lavoura de Lopes Azevedo, entre 1915 e 1919 encontra-se por diversas vezes a referência ao *Mestre Carpinteiro* como um trabalhador eventual pago à tarefa. No entanto, também existia a possibilidade de o carpinteiro ser um empregado numa casa agrícola de maiores dimensões, ajustado ao ano e a “vencer soldada”. Na sua condição de trabalhador especializado, encontrava-se numa situação privilegiada em relação ao resto dos trabalhadores e possuía a sua própria oficina no monte.

Isto é visível nos livros de registo das lavouras estudadas a partir da segunda metade do século XIX, como é o caso de Palma, em Alcácer do Sal, 1872-1889 (*na oficina do Carp^{to}*; em 1873 o Carpinteiro auferia uma jorna de 440 réis), Rio Frio, Alcochete, 1892 e Monte Padrão, Figueira e Barros, 1938-60. Nestas, o carpinteiro é referido no grupo dos trabalhadores fixos da casa, com um salário mais alto, o que se conjuga com a descrição de Silva Picão: “Ocupam-se na construção e conserto de carros, arados e demais alfaias agrícolas de madeira (...) comem à parte, alimentação igual à dos familiares do monte, melhor que a dos serviçais do campo (...) Os carpinteiros gozam de certa consideração, já por serem menos rudes que os homens do campo e vestirem com outro asseio, já por se darem ares de alguém, superior à ralé miúda.

Maria Antónia F. Pires de Almeida

Como «oficiais de ofício», não reputam favor o tratamento de *mestres* que todos lhe dão” (Silva Picão, Elvas, 1903).

Estes *Mestres* tinham os seus *Ajudantes*, *Aprendizes* (Livros de Doentes da Misericórdia de Avis, 1853, Lavoura de Palma, 1872) e *Oficiais* (um escravo em Vila Viçosa, 1695, em Jorge Fonseca, 1997).

Entre os seus trabalhos nas casas agrícolas, o carpinteiro de carros podia especializar-se no fabrico de carruagens puxadas a cavalos, como se lê no romance de Alves Redol – *Barranco de Cegos*, de 1962, onde há uma personagem chamada *Zé Segeiro*, construtor de *seiges*.

Não se encontraram formas de organização específicas desta profissão. No entanto, em várias localidades do Alentejo era frequente a existência de Clubes de Artistas, importantes centros de sociabilidade exclusivas aos artesãos (Cutileiro, 1977, Almeida, 1997), onde a música era uma actividade muito apreciada.